

REPRESENTAÇÕES DE CRISES DA JUVENTUDE N“O PRIMEIRO ANO DO RESTO DE NOSSAS VIDAS”

Annie Tarsis Morais Figueiredo
Prof. Dr. Eli Brandão da Silva
Universidade Estadual da Paraíba

"O cinema é uma maravilhosa máquina do tempo: é possível apresentar aos jovens de hoje os jovens da década de 60 que tinham um objetivo pelo qual lutar."
(Bernardo Bertolucci)

RESUMO

Este artigo enfoca a relação entre cinema e realidade, buscando discutir a questão da crise de identidade vivenciada por jovens em face de tensões provocadas por conflitos que envolvem a transição da adolescência para a vida adulta a partir da representação artística do filme *O primeiro ano do resto de nossas vidas* de Joel Schumacher. Para esta reflexão, buscamos a compreensão das relações entre narrativa e realidade, juventude e cinema.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Modernidade. Cinema.

1. Introdução

Jovens são como errantes que vivem explodindo emocional, físico e psicologicamente, em meio ao social que lhe impõe ações de comportamento responsável e regrado. Ao olhar para a juventude em sua fase de transição para a vida adulta percebemos que crises perpassam este momento, devido às tensões provocadas pela insegurança e medo da mudança para um futuro desconhecido. As mudanças de hábitos dessa transição na maioria das vezes acontecem com certos transtornos e por mais que suave seja a mente do jovem sempre fica confusa.

Ao pensar sobre essas questões me deparei com o filme **O primeiro ano do resto de nossas vidas (St. Elmo's Fire)** do diretor estadunidense Joel Schumacher, lançado em 1985, por este contar de forma densa a história de sete jovens que saem da faculdade e tentam se adaptar ao que chamamos de vida adulta, mostrando o desequilíbrio e o medo presentes nesse período de conflito que são bem colocadas pelo diretor possibilitando a partir do discurso cinematográfico uma refiguração da realidade. Portanto, o estudo aqui proposto tem o objetivo de analisar a crise vivida pelos jovens no momento em que estes precisam enfrentar as responsabilidades da vida adulta dentro da relação narrativa fílmica e realidade.

2. Juventude e cinema, narrativa e realidade.

A frase que vem como epígrafe deste artigo traz a noção do cinema como máquina do tempo e na discussão aqui feita, podemos apresentar aos jovens atuais os jovens da década de 80, aqueles que foram personagens de um social cheios de mudanças, por exemplo, passagem da era industrial para a era de informação. Desse modo, quando o cinema escolhe o seu foco sobre os jovens ele constrói mais de uma representação sobre estes na sociedade, como a juventude é uma construção simbólica inscrita nas práticas sociais o cinema é uma arte que ajuda a arquitetar essa identidade juvenil, ele é produto e produtor dessas formações culturais.

Entender o cinema como representação artística de uma dada época é saber, especificamente em **O primeiro ano do resto de nossas vidas** que este revela uma representação plausível do cenário da juventude na década de 80 e que com toda sua particularidade pode ser lido e interpretado para a compreensão de questões presentes na juventude contemporânea, uma vez que essas crises são atemporais. Mas, ao olhar para esta produção cinematográfica nos atentamos que todas as imagens e sons são uma representação da realidade, advinda do olhar individual de Joel Schumacher, ou seja, é a interpretação que o diretor dá para aquele momento vivido pelos jovens dos anos 80, sendo a partir desse olhar dado pelo diretor, pessoa que captou e transformou sua subjetividade em narrativa imagética, que nós vemos e reinterpretemos aquela dada realidade, realidade esta construída a partir de inúmeras influências do meio em que este se encontra.

Assim sendo, foram especificamente nas décadas de 70-80 que os jovens passaram a chegar à juventude cada vez mais cedo, devido à aceleração de uma vida que passa mais

rápida frente ao capitalismo e a tecnologia, e ainda por acontecer após uma revolução cultural, como aponta Hobsbawn (1995), portanto, os jovens vieram logo se tornando um agente social independente, o mercado passou a necessitar dessa juventude para trabalhar e lugares sociais foram criados para incluir os jovens. Vista como um estágio preparatório para a vida humana, a juventude está localizada entre a infância e a idade adulta, é nesta fase que se pressupõe termos mais energia e força e que sejam elas aplicadas em lutas sociais e trabalho, logicamente foram adicionadas a essas ações a busca pelo aproveitamento da vida, de lazer e de felicidade. Ao dividirmos a nossa existência em fases (infância, juventude, vida adulta e velhice) percebemos que na juventude os conflitos acontecem por intermediar uma fase pensada como de maior irresponsabilidade a uma fase cheia de responsabilidades a adquirir e cumprir.

A criação da juventude permitiu aos jovens participarem da economia como classe de poder de compra, portanto, eles passam a ser fortes consumistas e alvos das indústrias, artefatos foram feitos voltados para atingir essa classe, mais fortemente a partir dos anos 60, pois foi, por exemplo, na busca de se diferenciarem dos seus pais no modo de se vestir que o jeans marcou/marca essa classe juvenil. Acessórios, discos e filmes são feitos e divulgados pela propaganda que aos poucos foram moldando os perfis dos jovens e as produções feitas para esta classe.

O primeiro ano do resto de nossas vidas é um filme voltado para a juventude da década de 80, pertencente ao *Brat Pack*, apelido dado ao grupo de atores *teens* que faziam filmes relacionados à juventude, estando juntamente enquadrados neste grupo os filmes direcionados por John Hughes como: Curtindo a vida adoidado, Clube dos cinco, Gatinhas e gatos, A Garota de rosa shocking.¹ E, embora se localize nesse grupo, Joel Schumacher apresenta (se compararmos com estes demais filmes) de forma mais complexa a juventude, por retratar em seu filme as crises presente na transição entre o fim da faculdade para a entrada no campo de trabalho e ainda em que se constituirá o resto da vida, mostrando de forma delicada o conflito do como seguir com a vida e com as amizades na pós-adolescência, sendo uma fase de descobertas e escolhas, ações estas que são perpassadas de sentimentos

¹ Além de filme pertencente ao *Brat Pack*, nome dado pelo jornalista David Blum em uma matéria na revista *New York* fazendo um trocadilho com *Rat Pack*, **O primeiro ano do resto de nossas vidas** é um coming-of-age movie, ou seja, filmes que retratam a chegada da idade [adulta].

como medo e insegurança, mostrando de forma peculiar as diferentes recepções da fase adulta feitas pelos sete amigos, Joel Schumacher enquadra sete formas diferentes de representações de crises nesse recorte temporal da vida.

Vamos apresentar as partes do poliedro de sete faces, Billy (Rob Lowe) é o mais irresponsável dos amigos, ele já é pai não dura muito tempo em um emprego e está muito preso aos velhos tempos da faculdade; Wendy (Mare Winningham) é uma assistente social e tenta mudar o mundo, mas às vezes percebe que é ilusão, possui alguns problemas com autoestima e é emocionalmente mais insegura que os outros seis; Alec (Judd Nelson) fica sendo aparentemente o mais responsável, o típico adulto americano, procura ascendência social se assemelhando aos *yuppies* e quer casar; Kevin (Andrew McCarthy) como se autodenomina, é um escritor do submundo que adora em tom pessimista pensar/escrever sobre a vida, embora ele seja um simples escritor de obituários de um jornal local; Jules (Demi Moore) possui uma relação complicada com o álcool e as drogas, é descontrolada, normalmente tem muitas dívidas a pagar e sente falta da atenção dos pais; Leslie (Ally Sheedy) a todo instante quer se encontrar e quer ter um tempo para se conhecer melhor, não quer se casar; por fim, Kirby (Emilio Estevez) o mais apaixonado que no final do enredo se torna um pouco pessimista em relação ao amor.

. Apresentados os sete amigos personagens do filme em foco, é pertinente pensarmos que além do cinema abordar de maneiras diferentes a recepção da idade adulta, num próprio filme podemos ter e temos sete maneiras para esta recepção. Schumacher ao refigurar em sua narrativa fílmica a juventude dos anos 80 percebemos que a vida, na maioria das vezes, se torna muitas vezes cansativa por ser difícil a adequação ao padrão regrado e cheio de tarefas a serem cumpridas e os muitos obstáculos que são encontrados nesse caminho.

Esta noção pode ser resumida ao lermos o diálogo abaixo entre Jules e Billy, demonstrando a crise existencial presente nesta fase, praticamente todos os jovens passavam/passam por isso, Billy tenta confortar Jules que diz se sentir cansada e sem expectativa aos 22 anos, convencendo que este conflito não acontece apenas com ela, mas com todos, tentando acalmá-la Billy mostra a Jules que o normal dos anos 80 é a mulher não ter muito sucesso, ilustrando a figura da mulher da época. Se portar como uma mulher dos anos 80 é naturalmente não ter muito sucesso, é entrar em conflito com uma realidade totalmente diferente a que se tinha antes.

Jules: Estou tão cansada Billy, eu nunca achei que estaria tão cansada aos 22.

[...]

Jules: Só não sei mais quem eu sou.

Billy: Bem vinda ao clube! Isso é se portar como uma mulher dos anos 80, sem muito sucesso.

Jules: Sempre tive medo que descobrissem que não sou assim, tão fantástica.

Billy: Isso é legal, sempre tive medo que descobrissem que sou um irresponsável.

Pensar, se questionar são ações impregnadas à natureza dos jovens, mas o agir sem pensar também, tida como a fase mais problemática da vida, os hormônios mudam, os corpos e mentes mudam e as relações com a sociedade também mudam, o simples fato de morar sem os pais ou responsáveis leva a uma enorme alteração na rotina, cada um passa agora a lutar para viver e sobreviver.

O cinema além de ser arte é uma indústria cultural, a partir do cinema a cultura é construída e mostrada para espectadores que dentro de determinadas culturas farão leituras diferentes, pois como diz Pierre Francastel “[...] a imagem existe em si, ela existe essencialmente no espírito, ela é um ponto de referência na cultura e não um ponto de referência na realidade.” Ampliando a noção colocada por Francastel por ser um ponto na cultura, o cinema é um ponto na realidade, uma vez que esta última é quem constrói a cultura, estando assim interligadas.

No apartamento rosa de Jules, agora sem móveis, vendidos por ter que pagar as dívidas, os sete amigos se encontram para tentar salvá-la de sua crise depressiva, Billy o irresponsável do grupo é quem aponta a saída para a catástrofe em sua conversa dessa vez, é interessante que nesta fala de Billy percebemos o porquê do título original ser **St. Elmo's Fire** (O fogo de Santelmo) que para além do nome do bar em que os sete amigos se encontram é uma metáfora para a noção que os navegantes tinham sobre um fogo que aparecia no meio da noite em meio a tempestade quando eles estavam perdidos, então eles acreditavam que esse fogo era santo e era ele o guia para eles chegarem a terra, porém na verdade esse fogo cientificamente falando são descargas eletroluminescentes provocadas pela ionização do ar num forte campo elétrico, não é um fogo, é um tipo de plasma provocado por uma enorme diferença de potencial atmosférico.

Billy: O que é essa catástrofe? Perdeu seu emprego? Eu perdi 20 desde que me graduei. Mais uma esposa e uma filha cabelo, no chuveiro essa manhã. Você sabe o que é isso? É o fogo de Santelmo. Os flashes elétricos de luz aparecem na escuridão, saídos do nada. Marinheiros são guiados, em suas jornadas por ele. Mas não era fogo, nunca existiu um Santelmo, foi inventado, porque precisamos de algo para acreditar, quando as coisas dão errado.

Essa é uma metáfora que serve para nos mostrar que precisamos acreditar em algo, os jovens precisam acreditar em alguma coisa em alguém para em meio aos conflitos, e das coisas que estão dando errado ainda se possa querer existir. O normal termos a ideia de que é com própria vida que aprendemos a viver, a universidade é só uma pequena amostra do que acontece na vida, ela não prepara totalmente os jovens para viver, estando assim os jovens despreparados uma vida cheia de responsabilidades, sendo a saída da universidade uma espécie de portal para o mundo real, logicamente que estamos expondo a noção colocada no filme, mas embora lá se trate da Georgetown University nós podemos alargar esse conceito às diversas sociedades em que esteja presente os mesmos elementos, jovens, saída da universidade, entrada na vida adulta.

Kevin: A universidade é uma ilusão para o estudante não enfrentar a realidade. Somos como cordeiros da vida em matadouros.

O medo e a incerteza são natural nesta fase de transição para o mundo cheio de dispositivos dos adultos, o que será diferente é a forma de recepção entre os jovens, mas é comum sabermos que em todas as épocas fervilham a mente e o corpo da juventude em formação, e somente no tempo certo é que estes aprendem a equilibrar a mistura de sentimentos humanos.

3. Considerações Finais

Refletir sobre **O primeiro ano do resto de nossas vidas** é notar que embora refigurando um cenário da juventude da década de 80, pelo seu caráter atemporal e universal

e pelo fato de tematizar o social e o humano, traduzem-se como representação plausível de contribuir para a discussão que tem em vista a compreensão de questões presentes na juventude contemporânea. Colocar este filme como alvo de discussões no espaço acadêmico é refletir sobre a complexa transição entre a fase da juventude para a idade adulta e o medo e incertezas enquanto expressões desta transição.

Referências Bibliográficas

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

CARRIÈRE, Jean-Claude. Anatomia do tempo. In: *A linguagem secreta do cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 103-141.

DAYRELL, Juarez; LOPES, José de Sousa Miguel e TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro (orgs.). *A juventude vai ao cinema*. Belo horizonte: Autêntica, 2009.

HOBSBAWN, Eric. Revolução Cultural. In: *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 314-336.

LARROSA, Jorge; LOPES, José de Sousa Miguel e TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro (orgs.). *A infância vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Roberto. Deleuze e o cinema: a imagem-movimento e a imagem-tempo. In: *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª ed. 2010, p. 247-296.

HENRIQUES, Fernanda. A teoria da tríplice mimese. In: *Filosofia e Literatura – Um percurso Hermenêutico com Paul Ricoeur*. Porto: Edições Afrontamento, 2005, p. 59-72.

Filmografia:

O PRIMEIRO ANO DO RESTO DE NOSSAS VIDAS (St. Elmos' Fire). Direção de Joel Schumacher; roteiro de Joel Schumacher, Carl Kurlander, Susan Becker e Stephen H. Burum, trilha sonora de David Foster; parte do elenco composto por Emilio Estevez, Rob Lowe, Andrew McCarthy, Demi Moore, Judd Nelson, Ally Sheedy e Mare Winningham. USA: Sony Pictures, 1985, 110', som, cor, legenda.